

# Nacional-Futebolismo

Os padrinhos do “Cálcio Nostro” açulavam a histeria colectiva com um autoritarismo sombrio, o Populismo Político enfatizava-a com exibicionismos sentimentais numa demonstração de unidade nacional, a televisão da SIC filmava os nossos seleccionados com honras de salvadores da pátria: “Equipa valente e i- mortal / Levantai hoje de novo / O esplendor de Portugal...” e o treinador Oliveira, em ritual de sumo-sacerdote, dava a beijar aos jogadores a bandeira das cinco quinas e proclamava: “O lema [da selecção] é: ‘As forças armadas estão preparadas.’ Se for preciso vamos até à morte.” Os nossos jogadores não morreram e, embora tivessem ficado em 11º lugar entre os 16 exércitos que se confrontaram no relvado, assumiram a derrota com uma dignidade frontal apesar do clima demagógico e falseado do país que representavam. Um clima de alienação, agravado pela desastrosa e inoportuna promessa do perdão fiscal que o Governo quis conceder aos clubes. Quanto ao totonegocio, essa subserviência política, o resultado era de esperar: alarmou a consciência do país e dividiu os admiradores e os praticantes do desporto. Claro que a culpa vinha do cavaquismo, que durante dez anos contemplou os clubes com uma fiscalidade passiva — claro que sim. Mas, em votação democrática como a lei PS ou em dispensa consentida como a do clientelismo do PSD, o benefício de excepção é a “regra natural” da ética dos patrões do futebol, um desporto que (Rádio Renascença, 28 de crte.) “se sobrepõe à política e actua como um poder paralelo ao poder legitimado pelo povo.”

**Enfim, com derrotas no rectângulo do relvado** e no hemicycle da Assembleia, os mitos bateram as asas e o país ficou mais desanuviado por uns tempos. Mais verdadeiro, mais humano. Menos artificioso em nome da “realpolitik”.

Mesmo assim, uma tarde destas entrei de sobressalto em sonhos de futebol e vi-me num Portugal irreconhecível. Verdade. Afinal, tínhamos ganho a Taça da Europa, imagine-se. Em Wembley fora tamanho o contentamento que a Rainha e o trapezista Major

se abraçaram aos pulinhos, enquanto que nos televisores de todo o mundo, pelos cantos do ecrã e de pezinhos para o ar, esvoaçava Miranda Calha em uniforme de pássaro bisnau. É evidente que, perante semelhante vitória, o totonegocio foi aprovado sem mais aquelas numa sessão da Assembleia dedicada ao treinador Oliveira envolvido na bandeira nacional. As reportagens da TV mostravam numa turvação mafiosa, algumas figuras tutelares do desporto-rei, reunidas em conclave como tigres assanhados, à procura de um primeiro-ministro (Pinto

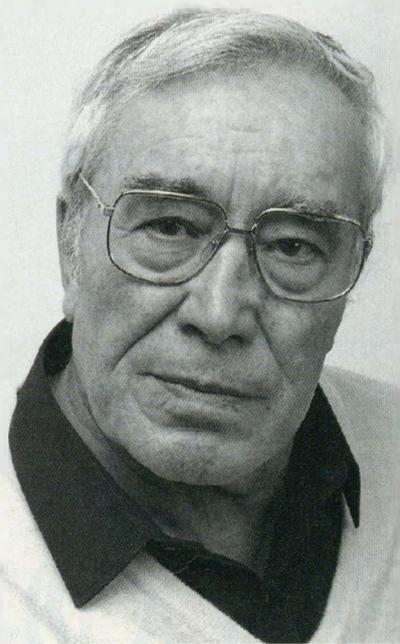
da Costa? Não se percebia, a turvação era densa), e falava-se de um Governo Sombra com o cônego de Melo como ministro “ad honorem” da Ética e das Polícias.

Normal, tudo correcto. O Nacional-Futebolismo era a consagração dos patriarcas dos estádios, o “levantar hoje de novo” de um Portugal creditado, como se sabe, por uma tradição de vitórias internacionais, para não dizer mundiais.

Mas, acima de todas as leis, da política e dos “lobbies” driblados, o que a ditadura clubista punha à cabeça era o dinheiro e a vida larga. No sonho em que eu vivi, o Nacional-Futebolismo, depois do Totobola, já se tinha apoderado do Totoloto e, conforme Pinto da Costa tinha insinua-

do logo que lhe acenaram com o totonegocio, preparava uma taxa reforçada para as transmissões televisivas. A totomáquina viria de seguida. Nas escolas, manicómios, presídios, lares da terceira idade, Assembleia da República e esquadras de polícia, o Nacional-Futebolismo propunha-se instalar máquinas de moedas para receita exclusiva, aproveitando-se de um manhoso que há dias veio à televisão com essa ideia na cabeça.

Acordei a ouvir tilintar uma delas, julguei eu. Mas não. Encontrava-me na minha varanda da Caparica, frente ao mar, com o “Diário Económico” sublinhado em cima dos joelhos. E lá vinha: “O futebol é o único sector da actividade económica onde se aprovam prejuízos de milhões de contos com estrondosas salvas de palmas das assembleias gerais.” Fechei e pus-me a reler “A Bola”, um jornal meu de há longos anos.



José Cardoso Pires